

POSIÇÃO SOCIOMÉTRICA DO ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE MORENO PARA A EDUCAÇÃO

*Eliane Giachetto Saravali*¹

RESUMO

O objetivo desse trabalho consistiu em investigar a posição sociométrica de alunos com dificuldades de aprendizagem na inter-relação com seus colegas de sala. Nossos sujeitos foram alunos de uma 4ª série da rede pública do estado de São Paulo, indicados pela professora como sendo crianças com dificuldades de aprendizagem. O teste sociométrico objetivo foi aplicado duas vezes no ano letivo. Os resultados apontaram para a baixa ou nenhuma escolha que as crianças com queixa de Dificuldade de Aprendizagem têm de seus colegas.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem. Sociometria. Interação social.

SOCIOMETRIC POSITION OF A STUDENT WITH LEARNING DIFFICULTIES: CONTRIBUTIONS OF MORENO'S THEORY FOR EDUCATION

ABSTRACT

The central objective of this work consisted in investigating the sociometric position of students with learning disabilities when inter-relating with their school-mates. Our informants were fourth graders of the Public State Schools of São Paulo, Brazil, indicated by the schoolteacher as being children with learning disabilities. The socio-metric objective test was applied during the first and second terms of the school year. The results pointed in the direction of a low or nonexisting choice the children with learning disabilities have of their school-mates.

KEYWORDS: Learning disabilities. Sociometry. Social interaction.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

O campo de estudo referente às dificuldades de aprendizagem é amplo e muitas vezes ambíguo e confuso, não havendo consenso sobre a definição e caracterização desse termo. No entanto, a cada dia vemos que cresce o número de alunos do nosso sistema de ensino caracterizados como tendo dificuldades de aprendizagem. Rapidamente, muitos professores encaminham e rotulam crianças que não têm tido sucesso na escola. Tal fato tem encontrado ressonância na explosão dos cursos de especialização em Psicopedagogia que, teoricamente, vão formar o profissional que deverá lidar com as questões relacionadas ao processo de aprender. Assim, muitos professores esquivam-se de suas responsabilidades, transferindo-as para os psicopedagogos e psicólogos. Isso ocorre não somente pelo comodismo ou pela negligência dos educadores, mas também pela falta de (in)formação a respeito das questões referentes às dificuldades de aprendizagem, às formas de intervenção e ao papel da escola nesse processo. Destaca-se, também, a formação dos pedagogos, que muitas vezes não aborda tais questões.

A amplitude e confusão terminológica das Dificuldades de Aprendizagem (DA) ocorrem em razão das diferentes influências que o campo sofreu, tais como, a médica e organicista, que procura relacionar as dificuldades de aprendizagem com problemas no funcionamento cerebral provocados por lesões, mau funcionamento ou desequilíbrio químico; a pedagógica ou escolar, que procura associar as DA com questões metodológicas e didáticas; e aquelas ligadas a fatores psicológicos e a problemas relacionados ao processamento da informação.

Diante desse quadro, evidenciar um elo entre problemas de interação social, ou mesmo a existência de inaptações sociais e as dificuldades de aprendizagem é algo que não encontra unanimidade na literatura. Dependendo do enfoque adotado, alguns autores admitem ou

não que estes problemas sejam as próprias dificuldades enfrentadas pelo sujeito. No entanto, um consenso que parece existir é o de que as DA podem gerar ou mesmo agravar problemas relacionados à adaptação social e convivência.

A criança que desde cedo vivencia experiências de fracasso e insucesso e percebe constantemente os julgamentos dos professores e dos próprios colegas da sala sobre os seus problemas com a aprendizagem, tende a formar aos poucos uma imagem negativa de si mesma. A repetição dessas situações certamente causa desconforto para o aluno, que pode passar a desacreditar nas suas próprias capacidades e sentir-se altamente desmotivado em relação aos estudos e à escola. Tal situação pode gerar uma instabilidade emocional bem como a dificuldade em formar vínculos afetivos e sociais. É possível, também, que a criança procure um meio para fugir dessa situação, como, por exemplo, apresentar mau comportamento em sala de aula, na tentativa de mudar o foco da incapacidade cognitiva para o da indisciplina e rebeldia. Há também casos em que o aluno, excluído ou sentindo-se excluído pelo grupo, simplesmente fecha-se, assumindo uma posição de total rejeição.

A interação social é importante para o desenvolvimento humano. Jean Piaget (1896-1980) já a apontava como um fator do desenvolvimento, na medida em que o contato com o outro provoca a descentração do pensamento, criando a necessidade de coerência nas ações. Ou seja, temos a necessidade de trocar e conviver com o outro, como condição para o avanço cognitivo.

O presente trabalho teve por objetivo central investigar as interações sociais que crianças, apontadas pela professora como alunos com dificuldades de aprendizagem, estabelecem no grupo da sala de aula do qual fazem parte (SARAVALI, 2003).

Algumas questões nortearam nosso trabalho: Como estão esses alunos na sala? Como

são vistos pelos colegas e pelos professores? Estão tendo possibilidades de interagir com os demais? Como percebem suas relações interpessoais? Nos tempos atuais, em que a inclusão é assunto tão debatido, será que essas crianças estão incluídas no grupo da sala a que pertencem?

Para avaliarmos essa interação, baseamos-nos na sociometria, criada por Moreno (1972a) e utilizamos o teste sociométrico objetivo, no intuito de avaliar a posição que ocupam as crianças com dificuldades nas relações que estabelecem com o grupo. A sociometria parece-nos um referencial bastante válido, uma vez que busca compreender a real posição ocupada por alguém no grupo do qual faz parte. O teste sociométrico, que avalia as preferências dos membros do grupo em relação a diferentes critérios, permite-nos compreender melhor a rede de interação que se estabelece entre todos. Como escolhem e são escolhidas as crianças que têm dificuldades de aprendizagem? Há diferença nestas escolhas conforme o critério sociométrico adotado?

Estaria o rótulo da incapacidade atrapalhando o aluno no seu desenvolvimento cognitivo e também social e afetivo? Uma criança que está construindo sua própria imagem e é vista pelo professor e pelos colegas como alguém incapaz, nunca sendo, por exemplo, escolhida para realizar um trabalho escolar, não teria problemas na sua forma de se relacionar com as situações de aprendizagem? Tal avaliação negativa não influenciaria também as relações de amizade, afetivas e sociais, vivenciadas com os demais colegas da sala?

A partir dessas reflexões, formulamos o seguinte problema de pesquisa: Qual a posição sociométrica observada em alunos com queixa de dificuldades de aprendizagem na inter-relação com os demais colegas da sua sala, conforme a análise dos resultados de um teste sociométrico objetivo?

Os objetivos que pretendemos alcançar com o nosso trabalho puderam ser assim formulados:

Objetivo Geral: aplicar e analisar os resultados de um teste sociométrico numa sala de aula, nos meses de junho e setembro do ano letivo e investigar a posição sociométrica ocupada pelas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Objetivos Específicos:

- 1) Investigar se há diferenças ou semelhanças nas posições ocupadas por crianças com dificuldades de aprendizagem conforme o critério sociométrico apresentado;
- 2) Relacionar a posição sociométrica ocupada pelos alunos com observações realizadas pela professora;
- 3) Analisar o histórico escolar dos alunos da sala pesquisada;
- 4) Relacionar a posição sociométrica ocupada pelos alunos com os dados obtidos no histórico escolar;
- 5) Verificar, por intermédio de depoimentos coletados com os alunos da sala, como os sujeitos vêem sua relação com os demais membros do grupo.

A metodologia de pesquisa empregada no presente estudo caracteriza-se pela pesquisa não-experimental ou *ex post facto* (KERLINGER, 1979). Neste tipo de pesquisa não há manipulação nem controle de variáveis, uma vez que o fato é investigado após sua ocorrência. Portanto, nossa proposta metodológica consistiu num trabalho diagnóstico e não de intervenção.

Nossos sujeitos foram alunos de uma 4ª série da rede pública de um município do interior do estado de São Paulo. A sala de aula escolhida foi indicada pela professora como uma sala que possuía crianças com dificuldades de aprendizagem, dessa forma, os sujeitos foram caracteri-

zados pela queixa de dificuldade de aprendizagem.

Os procedimentos empregados foram os seguintes: aplicação do teste sociométrico no mês de junho, coleta de observações sobre os alunos junto à professora da sala, análise do histórico escolar. Em seguida, no mês de setembro, os mesmos procedimentos foram reempregados, ocorrendo também a coleta de depoimento dos alunos numa redação com o seguinte tema: Como é sua relação de amizade com seus colegas de classe?

Os resultados apontaram para a baixa ou nenhuma escolha que as crianças com queixa de

DA têm de seus colegas. Apresentamos aqui dois sociogramas da aplicação feita em setembro, que retratam tal fato; as crianças com queixa de DA estão representadas pela cor cinza. Para a representação sociométrica, os círculos indicam os elementos do sexo feminino e os triângulos os do sexo masculino, as setas correspondem a quem se referem as escolhas feitas pelos sujeitos. Durante a aplicação dos testes, os alunos eram sempre convidados a pensarem sobre questões afetivas e intelectuais. Assim, primeiramente deveriam pensar sobre qual colega da sala escolheriam para passear no Shopping e em seguida qual colega escolheriam para fazer uma lição difícil.

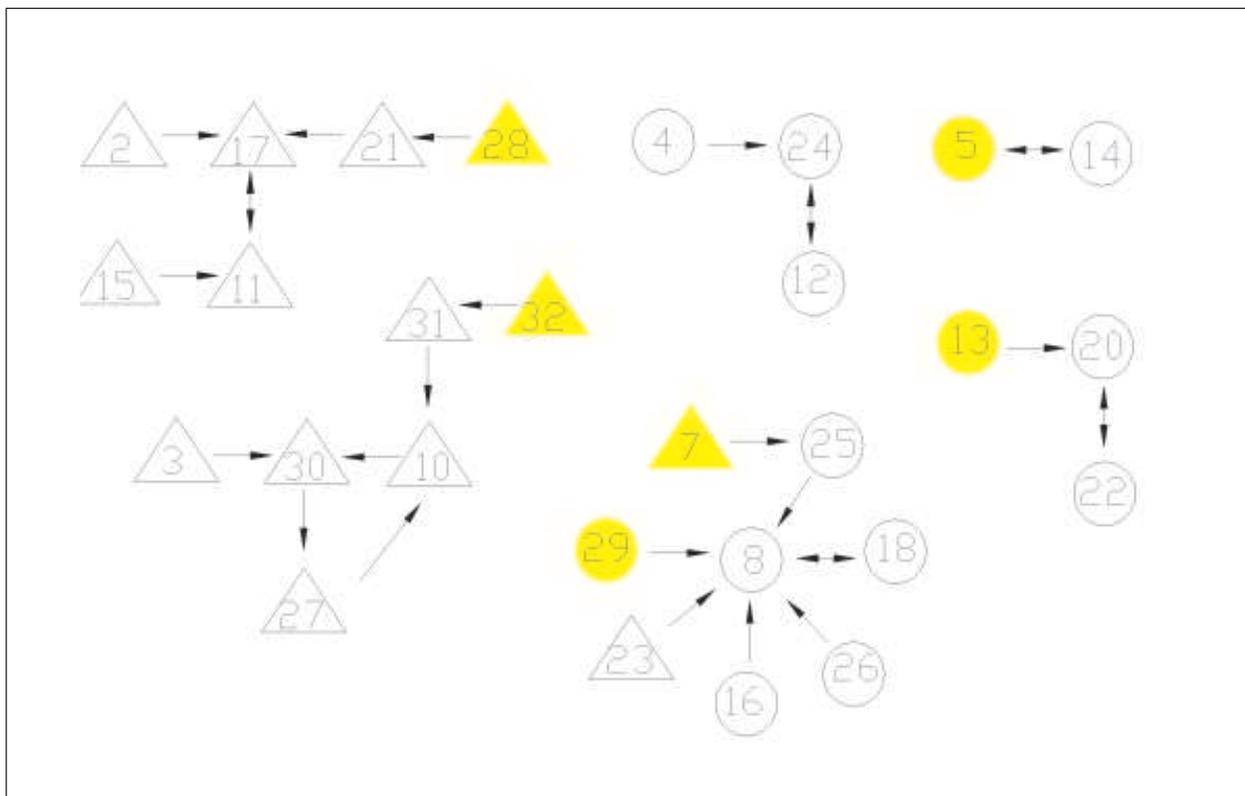


Figura 1 – Sociograma da primeira escolha do critério afetivo: Qual colega da sala você levaria para passear no Shopping com você?

“... Sempre me damos bem e, nós sempre jogamos handebol, pingue-pongue, queimada, amarelinha, esconde-esconde, pega-pega e etc.”

Somente um aluno apresentou uma redação cujo conteúdo retratava sentimentos envolvendo as relações de amizade: “Eu respeito eles, eu brinco do que eles quer brincar na hora que eles quer falar eu deixo eles também me respeita nós não brigamos um com o outro não jogamos um jogo sujo e nós repartilhamos as nossas coisas.”

O fato das redações não retratarem o tema amizade e quase sempre referirem-se a descrições das ações que realizavam com os colegas, sobretudo em momentos fora da sala de aula, como por exemplo, no recreio e nas aulas de educação física, nos alerta para a importância das crianças terem realmente oportunidade de estarem juntas, de cooperarem, de tomarem decisões que envolvam coordenações de diferentes pontos de vista e, sobretudo, de refletirem sobre estas questões.

A inclusão social tão almejada perpassa pelos bancos escolares, que desde cedo devem promover a inclusão escolar de TODOS os alunos e não somente daqueles que possuem necessidades educativas especiais. A escola, depois da família, é a instituição que irá introduzir a criança no mundo social e este pode ser acolhedor e voltado para o diálogo ou tremendamente segregador e excludente.

Pretendemos com nosso trabalho oferecer reflexões acerca do papel da escola e dos professores. Acreditamos também que psicopedagogos, profissionais ligados à formação de professores e demais interessados nas questões que tratamos poderão beneficiar-se e inclusive realizar outras pesquisas, a partir do que concluímos.

Entendemos que, na medida em que se investiga sobre a interação social estabelecida

pela criança com dificuldade de aprendizagem na sala de aula, muito se pode fazer para melhorar e contribuir diante de um quadro de exclusão ou rejeição, por exemplo.

Nossos resultados indicaram que as crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem têm comprometimentos em relação à interação social que estabelecem com o grupo. Tal afirmação pôde ser comprovada, ao observarmos os resultados da aplicação do teste sociométrico em dois momentos do ano letivo. No que se refere a eleições afetivas e intelectuais, nossos sujeitos, apontados como tendo DA, tiveram pouca ou nenhuma escolha dos seus colegas de sala.

Acreditamos que o estudo sociométrico pode trazer grandes contribuições ao trabalho docente, uma vez que nem sempre as idéias que a professora tinha sobre seus alunos, sobretudo em relação ao relacionamento interpessoal, coincidem com a forma como as crianças eram vistas pelos demais colegas. Portanto, a aplicação do teste pode contribuir para um maior e melhor conhecimento dos alunos e da posição que ocupam em relação aos colegas da sala. O professor que já possui uma série de informações sobre seus alunos, pode empregar o teste sociométrico como um instrumento a mais na compreensão, reformulação e reflexão sobre o que já conhece da turma. Essa reflexão deve conduzir a mudanças nas ações realizadas em sala de aula, na direção de aprimorar principalmente a organização do trabalho pedagógico, visando não somente o desenvolvimento da inteligência e a apropriação dos conteúdos, mas também o desenvolvimento afetivo e social dos alunos.

O professor pode começar perguntando-se: em quantos momentos do dia seus alunos podem trocar e interagir? Sabemos que tais trocas são importantes não somente para a socialização como também para o desenvolvimento cognitivo. Notamos que nas redações feitas pela turma, toda

vez que as crianças mencionaram as relações que têm com os colegas, as brincadeiras e jogos que têm prazer em realizar juntos, fizeram referência a atividades extra-sala. Será que ricos momentos de troca **dentro da sala** não estão sendo perdidos?

Piaget já refletia sobre essas questões e dizia que a escola tradicional conhece apenas um tipo de relação social: a que se refere à ação do professor sobre o aluno. Neste sentido, o autor explicava que a vida social entre as crianças não é aproveitada dentro da sala de aula e que os trabalhos denominados de coletivos são, na verdade, uma justaposição de atividades, pois cada indivíduo faz o seu, sem confrontá-lo, dividi-lo, coordená-lo, aprimorá-lo com os demais (PIAGET, 1988).

Ao analisar um sociograma da sua turma, o professor poderá ter um conhecimento maior, sabendo, por exemplo, sobre líderes e sobre rejeitados, enfim, crianças mais ou menos escolhidas. Uma ação bem direcionada poderá facilitar e até melhorar as relações interpessoais.

Não se trata de aproximar crianças que se escolhem, formar grupinhos com afinidades, mas sim de provocar a troca, o conhecimento e aceitação pela singularidade e especificidade. Assim, por exemplo, o professor pode organizar atividades em pequenos grupos que visem à participação de todos numa meta a ser atingida, pode valer-se menos de atividades coletivas, nas quais sempre uns terminam primeiro e outros nunca terminam e deixá-los mais juntos, trabalhando em grupo, trocando, conversando e ajudando-se enquanto fazem as atividades propostas, entre outras.³

Os projetos e temas abordados podem ser mais originais, saindo daquilo que usualmente é trabalhado e muitas vezes repete-se de ano para ano. Neste sentido, é possível trabalhar com temas relacionados, por exemplo, aos sentimentos dos alunos, suas atividades preferidas, hábitos, angústias, medos, visando o conhecimento de todos os colegas com os quais se relacionam, o respeito e aceitação pela diferença, a amizade entre outros.

Os jogos de regras devem ser trabalhados visando à interação, à cooperação, à reciprocidade e até mesmo ao trabalho com conteúdos de uma forma prazerosa e lúdica. Os jogos dramáticos permitem a personificação de papéis que transcendem os limites do tempo e do espaço (ARANTES, 2001).

Conforme observamos anteriormente, a visão da professora em relação ao relacionamento interpessoal nem sempre coincidiu com as eleições da turma. Todavia, em relação ao desempenho acadêmico, é importante ressaltar que, em muitas ocasiões, o julgamento da professora foi coincidente com as eleições das crianças na escolha intelectual. Tal fato, a nosso ver, caracteriza a grande influência que o mestre, nessa faixa etária, ainda exerce sobre a turma. Neste sentido, suas opiniões, seus julgamentos podem ser transmitidos por meio de olhares, palavras, gestos, decisões sobre os lugares que os alunos podem sentar-se, comentários, entre muitas outras ações. Os professores devem estar atentos para isso, ao confirmarem os resultados do teste que também é um bom instrumento para alertá-los a observar e reconsiderar seus alunos diante do grupo.

³ Mantovani de Assis (1999) apresenta uma proposta para a realização das atividades diárias dividida em atividades individuais, atividades coletivas, atividades em pequenos grupos e atividades diversificadas. Nas atividades coletivas há o mesmo objetivo a ser alcançado pela turma, por exemplo, ouvir uma história; nas diversificadas: há objetivos diferentes conforme o lugar que a criança escolhe para trabalhar, por exemplo: produzir um texto, confeccionar um mapa, etc; nas atividades em pequenos grupos, as crianças trabalham em grupos menores buscando alcançar um objetivo, por exemplo, quatro crianças com a tarefa de fazer uma maquete; nas individuais o professor trabalha diretamente com uma criança, a fim de acompanhar mais de perto o seu desenvolvimento. Esta proposta corresponde às orientações metodológicas do Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental (Proepre).

Todas as crianças que a professora apontou como tendo dificuldades de aprendizagem, foram pouco escolhidas nos critérios afetivo e intelectual. Sobre este fato, é muito bom refletir sobre os sentimentos que essas crianças elaboram a respeito de si próprias. Uma criança que não tem sucesso na escola vai acumulando experiências de fracasso sucessivamente, percebendo-se negativamente em relação aos demais. Suas dificuldades em relação à aprendizagem tornam-se muito mais destrutivas, na medida em que tem dificuldade em fazer amigos, em relacionar-se, e aos poucos vai ficando à margem do grupo, formando uma imagem deformada de si mesma.

Recomendamos a utilização do teste sociométrico na sala de aula com as seguintes ressalvas: Moreno defendia em nível clínico, não somente o diagnóstico, mas a intervenção no grupo; trabalhando, muitas vezes, com o teste perceptual, devolvendo os resultados aos membros do grupo e utilizando-se do psicodrama para o tratamento do grupo. O trabalho com psicodrama em nível pedagógico deve ocorrer por meio da utilização de jogos dramáticos. Nossa pesquisa teve fins de diagnóstico num contexto educacional e não clínico e, portanto, não realizamos os demais procedimentos que Moreno recomendava, apenas informamos a professora e coordenadora pedagógica dos resultados, ao final do trabalho.

Acreditamos que o teste possa ser utilizado no sentido de melhorar as relações sociais e afetivas estabelecidas pelo grupo, objetivando a inclusão e a participação de todos. Não é recomendada a devolução das respostas do teste ao grupo, pois acreditamos que isso só possa ser feito por um profissional com experiência e fundamentação na prática psicodramática em área clínica. Um profissional sem este preparo pode, ao apresentar os resultados sobre as escolhas, ou mesmo numa análise do teste perceptual, causar

grandes danos a alguns alunos, que terão seus sentimentos de rejeição e de inadaptação social severamente agravados. Os resultados devem ser utilizados sigilosamente para melhorar o inter-relacionamento grupal.

As ações dos professores devem caminhar ao encontro das necessidades dos alunos, necessidades estas relacionadas ao seu desenvolvimento não somente cognitivo, mas afetivo, social e motor. Portanto, estar atento ao que realmente ocorre com o aluno na sala e atuar em prol de uma melhor interação é papel fundamental do educador.

As inúmeras experiências de fracasso podem levar o aluno a formar uma imagem negativa de si mesmo, a ter medo do desafio, a se desinteressar pelas atividades escolares, entre outros aspectos indesejáveis. Diante deste quadro, suas relações com os colegas podem vir a ser prejudicadas, acentuando-se ainda mais o problema.

Portanto, se a escola mantiver uma postura seletiva, com ênfase somente no rendimento acadêmico, pode influenciar e reforçar a inadaptação do aluno, culminando muitas vezes, mais tarde, no atraso mental, na delinqüência ou em sociopatias múltiplas (FONSECA, 1995). Sobre isso, vale ressaltar que pesquisas recentes apontam que um grande número de adolescentes e adultos envolvidos na criminalidade ou até mesmo no uso de drogas tiveram uma história escolar complicada, caracterizada por dificuldades na escola primária, autoconceito negativo, exclusão social, entre outros (TOPCZEWSKI, 2003).

Acreditamos que tais reflexões devam ser ampliadas para todos os níveis de escolaridade, não somente para séries iniciais do ensino fundamental, mas para nossos alunos do ensino médio e superior.

Em nossa sociedade convivemos com a intolerância e as guerras são destaques nos

noticiários. Ora, não podemos esquecer que a sociedade da diversidade começa na escola e que uma segregação que já se inicia nas carteiras escolares, tão cedo, é muito perigosa.

Precisamos aprender a aprender juntos, acessar juntos o conhecimento. Não se trata de compensar as diferenças, todos devem ver-se como diferentes e singulares e não somente ver o outro como diferente. A educação e a escola devem ser espaço para emoção e convivência. No espaço escolar deve predominar o diálogo, o afeto, a valorização dos sentimentos alheios. Deve-se

buscar a aceitação e o rechaço pela rejeição, mediante uma participação ativa e prazerosa na sala de aula, compreendendo e acolhendo, ensinando os alunos a ter uma atitude mais flexível e cooperativa em relação aos outros, valorizando as capacidades de cada um.

Queremos estar contribuindo para que os professores encontrem meios para transmitir aos seus alunos os fundamentos do ensino democrático, o reconhecimento do colega na sua diferença, na sua alteridade, chaves fundamentais para uma vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, V. Inclusão e exclusão: uma visão psicodramática. In: SEMANA DA EDUCAÇÃO, 1., 2001, Mirassol. **Anais...** Mirassol: Faimi, 2001. p. 81-83.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. rev. e aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KERLINGER, F. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. 5. ed. Tradução: Helena Mendes Rotundo. São Paulo: EPU, 1979. Título original: Behavioral Research – a conceptual approach.

MANTOVANI DE ASSIS, O. Z; ASSIS, M. (Org.). **Proepre: prática pedagógica**. Campinas: Unicamp/FE/LPG, 1999.

MORENO, J. L. **Fundamentos de la sociometría**. Tradução: J. García Bouza e Saul Karsz. Buenos Aires: Paidós, 1972. Título original: Who shall, survive?

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia – a respostas do grande psicólogo aos problemas do ensino**. 9. ed. Tradução: Dirceu Lindoso e Rosa Silva. São Paulo: Forense, 1988.

SARAVALI, E. G. **Dificuldades de aprendizagem e interação social**. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

TOPCZEWSKI, A. TDA/TDHA em comorbidades com dislexia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DISLEXIA, COGNIÇÃO E APRENDIZAGEM COM ÊNFASE EM EDUCAÇÃO, 7., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2003. Mimeografado.